

Entrevista ao escritor Joel Neto

“O nosso melhor livro é o próximo”

Numa altura em que se assinalam 20 anos da publicação do romance “O Terceiro Servo”, Joel Neto está empenhado no processo de escrita de dois livros, que serão lançados em 2021 e 2023.



Este ano, assinalam-se os 20 anos da edição de “O Terceiro Servo”, o seu primeiro romance. Quais são as recordações que guarda desses primeiros tempos?

Foi um momento mágico. Estava tudo a mudar: naquele ano, troquei de emprego, comprei uma casa nova, casei-me, até o Sporting foi campeão. Mas publicar um livro era o meu sonho de infância, e consegui-lo acabou por transformar a minha vida.

Na altura não havia estas empresas de fotocópias caras a que agora se chama “editoras”, do género Chiado (e afins), e em que as pessoas pagam para serem editadas, ou se comprometem a ajudar a vender não sei quantos exemplares, ou obtêm patrocínios. Quem publicava fazia-o, em princípio, pelo mérito.

Entretanto, eu tinha passado os meses anteriores a escrever um livro e, como não conhecia ninguém no meio editorial, imprimi-o sete vezes, encadenei-o, procurei os endereços de sete editoras - umas maiores, outras mais pequenas - e enviei-o.

No dia seguinte, já estava arrependido. Dizia a mim mesmo: “Tu és um jornalista desportivo, Joel. Vens da Terra Chã, que ninguém faz ideia de onde fica. És inculto, és imaturo e tens mas é um grande ego. Quem é que vai querer publicar um livro teu?”

Uma semana depois, para minha enorme surpresa (e alegria), recebi um telefonema da Editorial Presença - que era a maior das editoras que eu tinha seleccionado, e que publicava, por exemplo, o António Alçada Baptista -, a propor-me um contrato de edição. E depois ainda recebi resposta de outras, mesmo após já ter assinado com a Presença.

Não foi só mérito, sei-o hoje. Na altura a Margarida Rebelo Pinto estava a vender muitas dezenas

de milhar de livros na Difel, e os editores andavam à procura de autores portugueses, do mais “light” ao mais, digamos, impenetrável. Portanto, também tive sorte.

Mas foi um processo romântico, à moda antiga - como teria acontecido nos anos 1950, até no século XIX. Guardo-o como uma das minhas mais doces memórias. E também como uma das grandes conquistas da minha vida.

A passagem dos 20 anos de “O Terceiro Servo” será assinalada com a atribuição do prémio Atlante, no âmbito do Azores Fringe Festival, que este ano será realizado apenas em formato virtual e que conta com a sua participação. O que significa a atribuição desse prémio?

É um gesto de uma grande generosidade do Azores Fringe Festival. E que mostra como, sediando-se no Pico, a Miratecarts, entidade organizadora, não só está atenta ao que se passa fora do Pico - nos Açores, no país e no mundo -, mas inclusive o considera património seu também.

Temos isso em comum: sempre quis que o meu trabalho fosse dos Açores, do país e do mundo.

De resto, eu estava ciente dos 20 anos de percurso literário. Mas, por outro lado, continuei a achar que ainda estou completamente no início. Não tencionava assinalá-lo. Nem sequer tenho a certeza de que já tenha feito alguma coisa de jeito com a minha vida. A minha grande força tem sido a esperança.

Mas, pronto, o facto é que o Fringe fez as contatadas e decidiu registar o momento. A ideia original era que ocorresse tudo presencialmente, no Pico. As passagens já estavam marcadas e tudo. Não sendo possível, a celebração ocorre online, como aliás

Nos primeiros dez anos, continuei sobretudo um jornalista que escrevia livros. Publiquei dois de ficção e depois uma série de volumes outros géneros, da crónica à biografia. E li o mais que pude, porque a verdade é que não tinha nascido numa casa de livros - não tinha podido ler de um modo sistemático nem ninguém se tinha podido empenhar em que eu lesse os clássicos.

Entretanto, em 2012, depois de publicar “Os Sítios Sem Resposta”, senti que estava na hora de arriscar. Para mais, havia a crise económica: parecia-me um tempo de mudança. E, para fazê-lo, tinha de começar por reduzir as minhas necessidades, porque ganhava bem como jornalista, estava habituado a uma vida confortável e, pelo menos durante algum tempo - se calhar para sempre -, ia ter de abdicar dela.

Mas o objectivo justificava o risco. Portanto, mudei-me dos bairros tradicionais de Lisboa para a Terra Chã, troquei os restaurantes chiques e os fins-de-semana no Alentejo por uma vida mais modesta, e dediquei-me praticamente a cem por cento à literatura. Creio que valeu a pena. Pelo menos do ponto de vista da minha realização pessoal, valeu.

De resto, é sempre difícil um autor classificar os seus livros. “Arquipélago” e “Meridiano 28” tiveram excelentes críticas e venderam-se muito bem. E os dois volumes de “A Vida no Campo” também tiveram excelentes críticas, também se venderam muito bem e ainda me deram um Grande Prémio APE, que é outro dos pontos altos disto tudo. Os romances são sempre uma aventura superior, mas penso que se pode dizer que esses quatro livros, em conjunto, marcam pelo menos uma viragem.

Agora, em abstracto, o nosso melhor livro é o próximo. Olhamos para trás e achamos sempre que podemos fazer melhor, que temos de fazer melhor. Mau seria se não fosse assim. Portanto, se me pergunta onde está a minha maturidade definitiva, eu respondo-lhe: no próximo livro. E, se me perguntar depois desse, espero dar-lhe a mesma resposta - no seguinte.

De que forma está a decorrer o processo de escrita do seu próximo romance e quando está prevista a edição? Tem outros projectos entre mãos?

Tenho vários projectos em curso, dois deles ao abrigo de fundações: um deles a sair ainda este ano, o outro no próximo. E estou a trabalhar em dois livros de ficção, que espero publicar entre 2021 e 2023.

Um deles é o romance que, imodesta e até absurdamente - mas porque um escritor tem de acreditar em absoluto na importância do que está a fazer -, creio ter nascido para escrever. O outro é um romance de género: um daqueles exercícios a que o Graham Greene, no papel de autor, chamaria “divertimentos”.

Às vezes, os “divertimentos” acabam por revelar-se as nossas obras mais concretizadas, como aliás a história da literatura mostra. Mas, de qualquer modo, não de ser sempre os leitores a julgá-lo. Continuo a ser os leitores, todos os leitores - do mais jovem ao mais velho, do mais culto ao mais curioso -, a minha principal preocupação.

Enfim, não me falta trabalho e não me falta entusiasmo. Espero fazer planos até ao último dia.

A.E./D.I.



todo o festival.

Honra-me muito e enterece-me muito. Inclusive, participo noutras iniciativas do certame. Ainda há dias gravei um debate via Zoom.

Como foi sendo construído o seu percurso como escritor ao longo de duas décadas. Pode-se dizer que os romances como “Arquipélago” e “Meridiano 28” correspondem à fase de maturidade como escritor?